

O QUE
NÃO SE
PARECE

O QUE
NÃO SE
PARECE

RICARDO PENNA LEITE



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © Ricardo Penna Leite, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Raquel Escobar

ANÁLISE CRÍTICA
Márcio Zanini

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Carol Palomo

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Leite, Ricardo Penna.

O que não se parece / Ricardo Penna Leite. – 1ª edição – São Paulo:
Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-32-8

1. Ficção brasileira 2. Drama I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

Para Rommel

“Ontem me comentei mal no universo.
Vivi o dia inteiro sem indagar nada,
sem estranhar nada.”

Wisława Szymborska

NÃO ACREDITEI que você estava aqui, senão teria vindo correndo. Desculpa. Rebecca falou comigo há uns minutos, mas ela anda tão desnorreada; não fala coisa com coisa. Me dá um abraço, mãe.

— Nada de abraços.

Um beijo, então.

— Não, de jeito nenhum.

Tudo bem, você é quem sabe. Vamos pro sofá? É mais confortável.

— Aqui está bom. Vai ser rápido. Não posso me demorar. Só vim ver com meus olhos que você estava bem.

Estes bancos não são muito confortáveis. São muito altos. Só são bons pra ficar no bar. Está servida?

— Não quero nada.

Posso servir um suco que tem na geladeira. Drinques não sei fazer; Samuel é quem sabe. Ele agora vai ficar atrás deste balcão e trabalhar de bartender. Os drinques dele são ótimos. Está até ansioso. Vai ser a primeira noite dele na função; mal pode esperar pro bar abrir.

— Parece uma boate.

É mais uma boate que um bar. As pessoas vêm aqui pra dançar, mas tem mesas pra quem só quer beber e conversar. Fez boa viagem?

— O que é que foi bom na minha vida depois que você sumiu?

O pai não veio?

— Está internado. Teve um derrame. Ele é mais fraco do que eu.

Um derrame! Eu não podia imaginar. Parecia tão saudável. Como ele está?

– Pior do que você. O que arrumou com essa cara?

Fui agredido, mas nada de mais. Fala do pai.

– Foi há alguns dias, e os médicos ainda estão avaliando as sequelas. Você realmente se interessa pela sua família? Some, nos deixa no desespero... O seu pai foi parar no hospital, e encontro você aqui, oferecendo drinques, morando praticamente dentro de uma boate, enquanto a gente estava lá aguentando a barra. Foi este o filho que criei mesmo?

Vou contar tudo. Sempre falei a verdade, lembra? Sempre contei pra você as coisas, as merdas que eu fazia de vez em quando. Lembra que um dia cheguei em casa com uma bola que não era minha, contei que não era, e nós fomos devolver? Quase que não fiz merda na vida. Vou explicar; você vai entender e vai me perdoar. Se ajeita aí no banquinho, põe a bolsa no balcão. Isso. No sofá seria mais confortável. Tenho muito o que falar, mas não pretendo me estender muito.

– Conversei com todo mundo que estava naquela festa. Sei que... no banheiro... Até ontem eu achava que Davi tinha matado você.

Quem é Davi?

– Como “Quem é Davi?”? Você e ele... Pegaram vocês dois no banheiro.

Ah, sim... A gente se beijou. Escuta, mãe, muita coisa aconteceu depois daquela festa. Vou contar. Eu estava morrendo de saudades... Não, não fala nada agora. Sei que pra você foi muito pior, mas é que, comigo, sabe, muita coisa aconteceu. Sabe um jogo que está três a zero e termina quatro a três de virada? Esse é o resumo da minha vida. Pensei em ligar. Fui o pior filho do mundo, mas as coisas foram acontecendo e o tempo não volta; não posso mudar nada, por mais que eu queira. Fiquei com saudades, fiquei preocupado, me doeu como uma bolada no peito. Me deu vontade de ligar muitas vezes.

– Não vai querer saber de Suzana? Ela não ia reconhecer você com essa barba e essa roupa...

Rebecca que escolheu pra mim. Eu me sentia estranho no começo, mas agora até gosto. Nada de mais. Muita gente anda assim. As que usava antes não me valorizavam.

– É você mesmo, filho? O Ghilherme que vivia com a camisa do Flamengo, de time europeu, da Seleção. Ou botava uma roupa mais simples, confortável.

Você se lembra da vez que quase me afoguei no Arpoador e o pai apareceu e me puxou? Eu era criança e foi rápido, mas tive certeza de que ele viria. Me tirou da água, me levantou bem para o alto. Algumas crianças não encontram os braços do pai; elas são levadas pela corrente e só se salvam com muita sorte. No dia em que sumi, eu também estava me afogando. Mas papai não me puxaria porque ele ia se sentir tão afogado quanto eu. Precisava de alguém pra me salvar, e naquela festa não tinha ninguém. Lá eles iam querer que eu afundasse. Fui eu mesmo que nadei pra fora e, por sorte, peguei o táxi de Rebecca. Foi ela quem me puxou pra superfície.

Ainda não tinha parado pra pensar nas coisas que aconteceram naquela festa. A gente estava num grupinho, bebendo, contando histórias do mercado financeiro, fazendo aquelas piadas de homem, chamando uns aos outros de “fresco”, de “bicha”, falando da camisa rosa que uns usavam, mostrando fotos sensuais das colegas. É assim que funciona, mãe: os caras falam das colegas sem respeito. Já fui um desses; cresci desse jeito, né?! Eu sentia que devia ser assim. O meu chefe, Alberto, me puxou de lado e disse que eu seria o premiado. Ia ter um evento com os melhores trabalhos do ano, e eu ganharia o principal. Fiquei feliz e peguei mais um espumante.

O estagiário estava na roda, ele não tirava os olhos de mim.

Ah, se alguém reparasse! Fiquei com raiva. Aquele cara me olhando... Eu devia é dar um chega pra lá nele, ser agressivo, mas em empresa a gente não pode fazer isso. Se alguns dos meus co-

legas percebessem, eles iam zoar, e eu ia ficar com a cara no chão. Alguém poderia dizer: “Tira o olho dele” de forma bem maldosa. Então, pra evitar problema, falei pro estagiário que ele tinha cara de flamenguista, perguntei se também tinha visto o jogo no dia anterior. Não tinha. Alberto falou: “Viadinho nem tem time”, mas logo pediu desculpas: “Brincadeira. É que com essa camisa rosa não dá pra pensar outra coisa”. E na roda estava também esse cara, Daniel. Ele não gostava muito de mim; a gente sempre tinha opiniões opostas nas análises de mercado. Tenho quase certeza que tinha escutado o chefe falando do prêmio.

Falei com Suzana pra ela não ir lá pra casa naquele dia, pois a festa ia demorar. No dia anterior a gente já não tinha se encontrado porque era dia de jogo. Ela reclamava que tínhamos pouco tempo pra nós. Eu jogava futebol na terça, via os jogos na quarta, na quinta era a pós dela, e na sexta é que a gente ia jantar ou no cinema. Compromissos não me faltavam, trabalho, inglês, oratória, e pra ela também não; ela que trabalhava mais do que eu. Até o tempo livre tinha que ser coordenado. Pra mim estava bom. Não fazia questão de ver Suzana tão frequentemente. Tinha dia que eu ligava com voz de cansado, sonolento, pra dizer que ela não precisava ir lá pra casa, pois eu já ia dormir. Mas eu continuava acordado. Às vezes saía pra andar; não fazia nada além disso. Passava na frente do TV Bar; sempre havia uns caras estranhos na fila, e eu só olhava e voltava pra casa. Era o tempo que tinha só pra mim. Sabe como é, a gente perde o controle, começa a fazer só o que os outros querem. No trabalho, no namoro, até pra tomar uma gelada acaba indo nos mesmos lugares só porque alguém prefere. A gente vira uma bolinha de pingue-pongue, que fica ali sendo guiada de um lado a outro, e parece que vai escapar, mas não, está sempre dentro daquele circuito, e quando cai é porque deu errado, alguém fica puto e logo ela é recolocada em jogo.

Na noite anterior à festa, teve jogo. Alan Patrick fez um gol da sobra de um cruzamento e o quarterão todo foi abaixo, com

gritos de “Mengo!” pra todos os lados. Eu estava com a tevê ligada, com a camisa do Flamengo, mas não vi o gol nem comemorei. Nunca gostei de ver jogo sozinho; preferia ver com a galera. Olhava pela janela um cara que podia ser eu. Alguns andares abaixo, no prédio da frente, vendo o jogo, uma cervejinha, a mesma roupa. Qual a probabilidade de achar um flamenguista em Copacabana, solteiro, engenheiro, que trabalha num escritório no Centro, entre trinta e quarenta, que descongelava uma lasanha pra jantar? Chances altas. E se esse cara gostasse de olhar pros estagiários?

Papai uma vez me deu um pijama com o desenho de vários bichinhos diferentes. Girafinhas, leõezinhos, trigrezinhos, gatinhos, pássaros, ursos. Eu apontava o dedo e repetia o nome dos animais. Todo o meu mundo era aquele, estava literalmente ao redor de mim, e aquele mundo me bastava. Quando via um bichinho diferente na rua, eu estranhava. Como poderia haver um bichinho que não estivesse no meu pijama? Naquela empresa era a mesma coisa. Era como se o padrão de funcionário estivesse desenhado no uniforme e você tivesse que se parecer com as figuras, mesmo que nem uniforme a gente usasse. Oficialmente, diziam uma coisa, mas na prática mulheres não ganhavam promoção, homens só tinham namoradas, mesmo que elas nunca aparecessem.

Naquele dia, saí de casa cedo pro escritório e de lá fui direto pra festa. Agora é que a história começa. Vou contar pra você. Acordei na cama de qualquer jeito, atrasado, tomei um banho rápido, botei a roupa e só tomei um copo d’água. Vi no armário uma lagartinha branca, daquelas que têm a cabeça preta. Com um guardanapo, espremi o bichinho. Ele devia ter andado um monte pra chegar ali, um aventureiro condenado a um fim trágico, descartado na lata de lixo. Se fosse dia da faxineira, eu deixaria um recado pra ela dar uma limpada no armário. Mas não era, e resolvi passar o olho com olhos de quem não quer ver. Você deve lembrar onde ficava a dispensa... Abri essa portinha, vi a segunda, matei também. Descobri várias subindo e descendo do pacote de arroz,

eu, que nunca cozinhei; tinha sido ideia de Suzana comprar essas coisas. Pensei que teria que pagar um dia extra pra faxineira. Eu que não ia mexer com isso. Estava atrasado e saí correndo de casa.

Depois de um dia normal de escritório, a festa. Toda hora que o garçom vinha, o estagiário botava mais espumante na minha mão, dava um risinho e me encarava. Uma hora soltou que precisava ir no banheiro e deu uma piscadinha. Eu estava alegre, pensei em fingir que não tinha entendido, mas bateu algo dentro de mim e não tive como resistir; talvez pela curiosidade, pra saber aonde ia dar. Lá nos encontramos. Estávamos só nós, e ele entrou numa cabine. Eu não queria ir. Olhei pra ver se não vinha ninguém, e ele me puxou pelo braço. Eu estava bêbado — sempre me disseram que em festa de trabalho não se deve beber. Nos beijamos. Foi um beijo, sim, e somente isso. Pouco tempo depois, alguém bateu na porta da cabine. “Saíam vocês daí.” Eram Daniel e Alberto, o meu chefe. O estagiário subiu no vaso pra ninguém olhar por baixo da cabine e ver quatro pés. Respondi: “Estou passando mal. Me dá um tempo”. Eles insistiram. Daniel era alto e deu um jeito de olhar por cima da porta. “A gente já tirou foto. Saíam daí.” Desgraçado. E mostrou o celular bem rápido: a foto era meio tremida, nem sei se dava pra ver alguma coisa. Você viu isso, chegou em você?

— Eu não quis ver.

Alberto cancelou a minha premiação e fez questão de me dizer ali mesmo, no banheiro. Saí empurrando os dois. Não quis nem saber do estagiário, e abri caminho entre as pessoas. Um ou outro falava comigo, mas passei direto. Vocês viram as câmeras do lugar da festa, não foi? Eu entrando no banheiro, saindo vazado de lá, saindo da festa? Me viram pegando o táxi? A festa era ali no prédio da Bolsa do Rio. Ali, a Rua do Ouvidor fica cheia, mas saí pro lado da Praça xv e não havia ninguém, somente um táxi ia passando devagar. Fiz sinal, mas ele não parou. Escutei atrás de mim Daniel e mais outro me chamando de “viadinho”, de “gay”, e aí o táxi deu ré e o motorista fez sinal pra que eu entrasse.